



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8224 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

### A PRODUÇÃO DE SABERESFAZERES NO CIBERSPAÇO PARA OS CURRÍCULOS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Rosane de Azeredo Cunha Siqueira - UFF - Universidade Federal Fluminense

Jéssica Gomes Carvalho - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

### **A PRODUÇÃO DE *SABERESFAZERES* NO CIBERSPAÇO PARA OS CURRÍCULOS EM TEMPOS DE PANDEMIA**

O presente trabalho nasce a partir do convite à reflexão sobre os sentidos e acontecimentos que se fazem perceber nos cotidianos, quando, dentro de uma nova realidade sócio-histórica, somos convidados a dialogar sobre currículos e Educação Infantil, tendo a interação no ciberespaço como uma metodologia possível. Na preposição de se resgatar os diferentes acontecimentos e vivências da prática das professoras, utilizamos a conversa como instrumento de mobilização. Uma oportunidade, que consideramos singular para o sentido de nos desancorarmos dos modelos pré-estabelecidos do que seria o lugar do estudante e as formas de aprender.

A ideia da proposição metodológica aqui apresentada, perpassa pelo ideário de não nos fecharmos a somente uma resposta sobre os acontecimentos, mas para servirem de lócus argumentativo para repensarmos as práticas cotidianas, a partir de um *espaçotempo* que nos foi imposto pela irreabilidade dos eventos. Ou seja, encontros e conversas que foram tecidos fora das paredes de uma sala de aula, que nos permitiram rever os caminhos para o que hoje chamamos ensinar.

Ouvir as professoras da educação básica, em especial da Educação Infantil, em tempos de pandemia, nos fez repensar como a profissão professor possui uma característica de se reinventar, apesar de todas as circunstâncias que lhe são apresentadas. Nos relacionamentos que foram construídos, ao longo desse curto espaço de tempo, foi possível notar que em cada ação havia uma explosão de sentimentos que variavam entre a esperança e o desespero.

Dentre os sentimentos que mais apareciam nas conversas, a exposição e a insegurança, destacavam-se no início do trabalho. Muitos professores alegaram que se sentiriam vulneráveis ao se colocarem diante de uma câmera, e demonstram não ter conhecimento, e nem ferramentas, para o trabalho com as redes sociais, o que já era esperado, dado que para a formação inicial do professor não lhe é cobrado esse tipo de conhecimento.

Nos encontros que foram possibilitados, de online, decidiu-se construir uma prática sistemática, e não invasiva, para os alunos da Educação infantil. Foram levados em conta os seguintes aspectos: tempo de permanência da criança nas redes, conteúdo a ser trabalhado por

turma e estratégia para a interação nas plataformas utilizadas, que foram o Facebook e o WhatsApp.

De fato, o início foi difícil e inesperado, as professoras contavam com a ajuda uma das outras para que cada encontro com as crianças fosse formulado de forma interativa e acolhedora. Apesar da maioria acolher bem a ideia, todas concordavam que o espaço virtual jamais substituiria o presencial. A resistência de algumas professoras em relação a isso era nítida, porém, todas foram se reinventando para tornar possível o trabalho para/com as crianças.

Cada encontro revelou-se uma verdadeira descoberta para as crianças também. No auge da pandemia cada profissional conseguiu tecer momentos de conversas com pais e alunos repletos de saudade e esperança. Cada sorriso e lágrima conseguia acolher os sentimentos de forma a afetar ambos. Quando aqui usamos o termo afetar o reconhecemos como uma forma de composição que se faz entre corpo e mente (SPINOZA, 2009) quando este é desafiado a se reconstruir, um movimento no qual nos impulsiona a adquirir novas possibilidades de relação com o outro e com o mundo a partir das interações.

Nesse movimento, outras considerações e aspectos sobre os currículos começaram a aparecer em nossas conversas. Haverá avaliação? A presença para os maiores será computada? Como fica o pagamento dos profissionais? Todas essas indagações, aliadas ao stress da realidade circundante, começaram a afetar o trabalho de muitas professoras que já se cercavam por desesperança e tristeza. A notícia de parentes próximos doentes ou falecidos, já atingia muitas pessoas, dentre elas as famílias dos estudantes.

Vivendo em um momento absolutamente crítico, a produção curricular começou a tecer-se para um movimento de produzir/encontrar, pois, algumas professoras alegaram que o trabalho online, que aqui chamaremos de ciberespaço, configurava uma possível fuga para os inúmeros problemas que as circundavam. Era no momento dos *fazeressaberes* (GARCIA, 2016) que os professores ainda se reconheciam como profissionais de educação diante de uma situação tão difícil. Laços foram sendo criados, e uma rede de encontros entre os professores sustentaram o trabalho no pico da pandemia.

Em contrapartida, olhar as crianças pequenas e suas famílias fez com que as professoras reconhecessem que o outro que está em casa, recebendo o material, não é professor, e acrescentar esse fato as nossas conversas fez com que muitos profissionais mudassem sua linguagem e comesçassem a questionar o seu papel social no contexto da pandemia. Acolhimento, respeito e delicadeza foram algumas das palavras destacadas nas conversas.

É preciso ressaltar que, o caminho dessas conversas levou as professoras a perceberem o que realmente seria fundamental para as crianças. Como seguir os protocolos de higiene e saúde se muitas não tem nem banheiro em casa? Como manter uma imunidade possível, se muitos tinham a escola como fonte de alimentação? Como manter uma relação no ciberespaço, se muitos não tem sequer um computador, celular ou internet?

Na busca por respostas a essas questões, mais perguntas foram se construindo, porém, uma coisa era certa, era preciso uma (re)significação de como compor uma interrelação com os educandos. No entanto, todos reconheceram que essa não era uma tarefa fácil, e a estrutura se manteve como proposto no início. Apesar de não conseguirem repensar esse movimento, essa foi uma ação potente que levou as professoras a refletirem as relações entre os sujeitos.

Uma das características que podemos destacar nesse período, está relacionada a autoformação. Cada professora foi passo a passo reconstruindo seus *fazeressaberes* à medida

que produziam ações cotidianas no/para o ciberespaço. Fonte de muitas experiências, a possibilidade desse momento de pesquisa teórico metodológico representou uma quebra sistemática da preocupação com o saber tradicional, visto que o que outrora era uma concepção curricular de representação, transformou-se em uma série de táticas ( CERTEAU, 1994), que permitiu a exploração de novas possibilidades desse cotidiano que foi remodelado.

Assim, independente do que foi possível refletir dessas vivências com as conversas com as professoras, a possibilidade da troca, a organização simbólica e práticas concretas, foi um grande desafio. Diante das produções que foram possíveis nesse tempo, colocar em evidência momentos de conversas, mesmo que virtuais, produziu junto ao grupo de professoras uma série de interpretações sobre os contextos sociais, sobre a infância e a criança em tempos de pandemia.

**Palavras-Chave:** Currículos – Conversas – Cotidianos

#### REFERÊNCIAS:

ALVES, Nilda e FERRAÇO, Carlos Eduardo. *Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos* In SAMPAIO, Carmen Sanches; SOUZA, Rafael; RIBEIRO, Thiago. *Conversa como metodologia de pesquisa: Por que não?* Ayvu, Rio de Janeiro, 2018.

B.SPINOZA. *Ética*: Tradução de Tomaz Tadeu da silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994.

GARCIA, Alexandra; RODRIGUES, Allan. *As conversas nas produções de políticas curriculares cotidianas*. *Espaço do currículo*, UFPB, v. 9, n. 3, set. a dez. 2016.

SANTOS, Edméa. *Pesquisa-formação na cibercultura*. – Teresina: EDUFPI, 2019. E-book.